

19 de novembro de 1971

Círculo do Livro S.A.
Caixa postal 7413
01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "Bid time return"

Copyright © 1975 Richard Matheson

Tradução: Luísa Ibañez

Capa: cena do filme "Em algum lugar do passado"; dirigido por
Jeannot Szwarc; Universal Pictures — distribuído por U.P.I.

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.,
mediante acordo com Don Congdon Associates, Inc.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3

89 91 92 90 88

Cinco — ah! — e dois da manhã. Estou me levantando agora. A tentação é de não fazer qualquer movimento. Entretanto, preciso mover-me, tenho que me levantar e...

... tempo bom? Droga, não é provável. Mesmo assim, vou me levantar. Vestir a roupa... descer e ir até a praia, tomar ar. Caminhar, até esta dor de cabeça escoar para o chão.

Porque hoje é o dia.

Você não pode ganhar, cabeça. *Hoje é o dia.*

Oito e quarenta e três da manhã. A caminho de San Diego. Pela última vez. Fico repetindo isso. Bem, dessa vez é verdade. Não precisarei voltar aqui.

A dor de cabeça não sumiu de todo, mas não é tão lancinante que me impeça de dirigir.

É estranho como me sinto afastado de tudo o que vejo à minha volta. Será possível que uma parte de mim já se ache em 1896, esperando pelo aparecimento da restante? Como a parte de mim que ficou no hotel enquanto, outro dia, a outra dirigia para San Diego?

Sem dúvida, é possível. A essa altura, quem sou eu para negar alguma coisa?

Nove e vinte e sete da manhã. Sorte absoluta. Não havia muita escolha a fazer, mas um traje na loja de fantasias parecia feito sob medida para mim. Está agora no assento a meu lado, embrulhado em papel de seda, dentro de uma caixa. Espero que Elise o aprecie.

É preto. O casaco é aquilo a que chamam de sobrecasa-

ca. Muito comprido, chega abaixo dos joelhos. Santo Deus! O homem tentou impingir-me o que chamou de fraque, mas pelo talho, curto na frente e dividindo-se em duas abas largas na parte de trás, pareceu-me de uso um pouco limitado.

As calças — pantalonas, senhor — são bastante estreitas e com costuras agaloadas dos lados. Fiquei também com uma camisa branca, de colarinho alto, um colete bege, de lapela, abotoado na frente, e uma gravata octogonal, suspensa por uma tira que fica presa atrás do pescoço. Na verdade, eu parecia um almofadinha. Creio ser esse o traje indicado. Senti-me bem nele, quando me vi ao espelho. Tudo certo, até as botas de cano curto, também pretas.

Foi uma curiosa experiência, falar com o homem da loja. Curiosa, porque só me sentia lá parcialmente. Ele me perguntou para que desejava o traje. Respondi que compareceria a uma festa da década de 1890, na noite seguinte — e, agora que penso nisso, não fui inteiramente inverídico. Falei que desejava parecer o mais autêntico possível.

Por quanto tempo eu pretendia alugá-lo? Fui tentado a responder: setenta e cinco anos. Em vez disso, falei que era apenas durante o fim de semana.

Estava prestes a deixar San Diego, quando me veio o pensamento de que recuar a 1896 bem vestido apenas não me compraria uma xícara de café. É incrível que houvesse passado por cima de um item tão elementar, como conseguir dinheiro vivo suficiente, a fim de manter-me até que pudesse conseguir emprego. Não sei o que tinha na cabeça. Pedir dinheiro a Elise? A visão faz com que me encolha de vergonha. Olá, querida, eu a amo. Pode emprestar-me vinte dólares? Deus Todo-Poderoso!

Tive sorte novamente. A primeira loja de moedas e selos que visitei possuía uma nota de vinte dólares, em boas condições. Custou-me sessenta, mas fiquei satisfeito por consegui-la. O homem da loja falou de uma nota disponível de vinte dólares que nunca havia circulado e fui tentado a adquiri-la, mas desisti, quando ele me disse que custava cerca de seiscentos dólares.

Trata-se de uma bela nota, ostentando um retrato do presidente Garfield na parte da frente, um selo vermelho colorido e as palavras “Vinte dólares / em / moedas de ouro / pagáveis ao portador ou à sua ordem”. No verso, o brilhante desenho de uma águia cor de laranja, seguindo flechas entre as garras.

Comprei ainda uma nota valendo dez dólares em prata,

em razoável condição (custou quarenta e cinco dólares), com um retrato de Thomas A. Hendricks, seja-lá-quem-tenha-sido, na parte frontal. As duas notas são consideravelmente maiores que as notas modernas e, naturalmente, serão consideravelmente maiores em valor para mim. Assim, deverei ficar em boas condições, cheio da grana.

Cheio da grana. Que piada. Que antivitoriano!

Creio que devia ter levado mais tempo arranjando dinheiro — especialmente desde que tudo quanto deixei para trás não tem valor para mim —, mas estava ansioso por voltar ao hotel e começar. O tempo voa.

Tive uma boa idéia, enquanto dirigia de volta. Não há necessidade de usar fones. Ouvirei a vitrola, enquanto permanecer na cama, envergando meu traje de 1890, escrevendo minhas instruções e à espera de que a viagem comece.

Dez — ah! — e dois da manhã. Pronto para ir.

Estou tão ansioso por começar, que deixei o carro estacionado atrás do hotel, a fim de ganhar tempo. Agora, já tomei uma ducha, fiz a barba e pentei o cabelo. Presumo que este apresente um comprimento adequado; caso contrário, nada posso fazer para modificá-lo.

Retirei as etiquetas da sobrecasaca, colete, camisa e gravata. Por dois motivos. Primeiro, não quero que ninguém as veja, em 1896; seria impossível explicá-las. Segundo e muito importante, eu mesmo não quero vê-las. Uma vez lá, quero apagar da mente todas as recordações de 1971. Cheguei a tentar raspar a inscrição do interior das botas; são detalhes insignificantes, mas que podem estragar tudo. Nada de meias e roupas de baixo. Teriam aparência demasiado contemporânea.

Bem, está tudo pronto. Nada do presente irá comigo; nada perceptível, quero dizer. Escreverei as instruções a meu lado, na cama, ao invés de no colo, como antes. Tenho certeza de que deixarei o lápis cair, quando tudo acontecer. Sem fones de ouvidos para me tolherem. Estou preparado para a mudança instantânea.

Excetuando-se em meu cérebro, naturalmente. Será algo com que terei de lidar, quando chegar lá.

Ah, mas claro! Continuarei escrevendo minhas instruções, quando estiver lá! Reforçando minha posição em 1896. Removendo-me mentalmente de 1971 até — posso prognos-

ticar claramente — esquecer de onde provenho e me tornar um residente de 1896, em corpo e alma. Vou trocar de roupa e . . .

Santo Deus! Quase me esqueci do meu relógio de pulso!

Fiquei abalado com isso.

Será melhor aguardar, até que as marcas da correia desapareçam do pulso. Vou colocá-lo na gaveta da mesa-de-cabeceira, para não o ver. Deixei o telefone debaixo da cama, coloquei o abajur da mesa-de-cabeceira dentro do armário e tirei a colcha, de maneira que tudo quanto verci, pelo canto dos olhos, serão lençóis brancos.

Para maior coerência, permanecerei com o 19 de novembro em minhas instruções. A lógica disso é uma satisfação extra, porque hoje é, realmente, 19 de novembro.

Vejamos agora. Existirá algo que passou despercebido? Qualquer coisa?

Acho que não.

Vou ligar a música.

Um último olhar em torno. Estou abandonando isso. Hoje.

Onze e catorze da manhã. Novamente!

A mesma coisa — mais longa dessa vez. Não foi apenas um relance, porém mais que um instante, entre o piscar de olhos. Dessa vez durou. Talvez tenham sido apenas segundos — uns cinco ou seis —, mas, em vista das circunstâncias, foi tão significativo para mim, como se durassem séculos.

O processo foi desencadeado.

Aconteceu quando eu ouvia o adágio pela terceira vez. Escrevia a instrução: "Estou neste quarto, em 19 de novembro de 1896". Copiava a frase pela trigésima sétima vez, e então houve a mudança. A palavra "novembro" foi interrompida após as primeiras quatro letras, um risco desceu do e e depois desapareceu.

Posso também avaliar quando isso aconteceu. O movimento da sinfonia quase terminava, quando emergi da absorção. Em vista disso, deve ter acontecido aproximadamente

uma hora depois que comecei, pois o adágio tem vinte e um minutos de duração.

Bastante mais rápido que a primeira absorção.

Dou o nome de *absorção*, porque me parece a melhor descrição do processo, no momento. É como se — instantaneamente — eu fosse sugado para o interior, para dentro de mim. Primeiro, surge a sensação de estar vagando a esmo, de crescente desnorreamento. Ouço a música, mas ela parece não ter significado. Olho para a ponta do lápis em movimento, mas trata-se de um fenômeno desligado de mim. Não sou eu que escrevo as palavras que aparecem no papel; elas se escrevem por si mesmas. Uma névoa começa a acumular-se à minha volta, reduzindo o campo visual à ponta do lápis. A música adquire uma sonoridade espessa e distorcida, como se eu estivesse ficando surdo. Então, cessa de todo. Não, errado. Não é a música que cessa; eu é que, abruptamente, não me encontro mais em sua presença. Sei que os sons continuam. Apenas, situado em algum outro lugar, não os ouço mais, eles não me atingem os ouvidos.

O algum outro lugar é 1896.

Dessa vez, tive consciência de meu corpo também estar lá. Senti o colchão — ou *um* colchão — debaixo de mim. Senti as roupas e estava cômico de minha respiração. Isso significa que, enquanto da primeira vez fiz uma viagem inteiramente mental a 1896, tendo uma conscientização apenas momentânea de estar lá, agora a fiz em carne e osso. Fisicamente, eu me sentia neste quarto, em 1896. Por cinco ou seis segundos, estive lá completamente, em corpo e alma.

A sensação do retorno também foi diferente. Da primeira vez, foi rápido, algo brusco. Em certo sentido, fui puxado de volta, resultando numa experiência desagradável.

Desta vez foi mais como . . . deslizar? Não exatamente. Algo parecido, no entanto. Uma sensação física semelhante à de rodarmos um filme para trás, creio. Enfim, esqueçamos isso, porque não posso transmitir em palavras. Sei apenas que aconteceu. O importante é que a zona de junção ou seja lá o que for — uma passagem, uma abertura, uma delgada membrana — é algo muito próximo e muito fino.

Muito ao alcance também. Sinto-me como que cercado por ela, enquanto estou aqui, ostensivamente em 1971, comentando a seu respeito. Darei a isso o nome de Tempo 2, na falta de melhor descrição. Em todos os momentos, sua distância de nós é somente uma batida de coração. Não; isso também está errado. Não fica longe de nós, em absoluto.

Está conosco. Somos inconscientes de sua presença, nada mais. Com persistência, entretanto, é possível percebê-la e alcançá-la.

Preciso tentar novamente.

Sinto-me tão próximo agora! Não sei se deveria dispensar o lápis e o papel. Aquelas instruções, escritas centenas de vezes, estão impressas em minha mente. Por que não me limitar a ficar deitado, repetindo-as mentalmente, enquanto ouço a música?

Sim, por que não?

Uma e quarenta e três da tarde. Preciso ditar isso rapidamente, antes que esqueça os detalhes.

O disco tinha parado, quando retornei de minha absorção, de maneira que não sei quando isso aconteceu.

De qualquer modo, sei que foi fantástico.

Não deve ter durado mais que um minuto. Pareceu muito mais longo do que isso, porém não quero superestimar.

Não obstante, durou tanto, que pude reparar numa pintura existente na parede, mas não existente no quarto em que estou agora.

Quando aconteceu, a convicção chegou primeiro. Apesar dos olhos fechados, eu estava acordado e sabia que me encontrava em 1896. Talvez o “sentisse” em torno, não sei. Definitivamente, não havia qualquer dúvida em meu espírito. Em adição, antes que abrisse os olhos, houve uma evidência tangível.

Enquanto jazia lá, ouvi um ruído peculiar e crepitante. Não abri os olhos, porque não queria arriscar-me a desfazer a absorção. Permaneci na cama, imóvel, sentindo o colchão sob o corpo, sentindo minhas roupas, a respiração indo e vindo, o calor do quarto, e ouvindo aquele estranho e crepitante ruído. Sem pensar no que fazia, em dado momento cocei o nariz, porque sentia coceira. Isso não parece grande coisa, bem sei, porém é conveniente pensar na implicação.

Aquele foi meu primeiro ato físico em 1896.

Eu estava lá, meu corpo jazia neste quarto, em 1896. Preso à época com tanta firmeza, que fui capaz de erguer a mão para coçar o nariz e ainda continuar lá. Assim, por mais banal que fosse o ato, transformou-se em portentoso momento.

De qualquer modo, o relógio do tempo não tinha ainda se restabelecido em meu organismo. Parece que isso também é parte do processo. A fim de alcançar o Tempo 2, tenho que abandonar inteiramente o Tempo 1. Entretanto, uma vez em 1896, preciso restabelecer o Tempo 1 em meu organismo, de maneira que me permita viver e continuar lá. Isso talvez forneça a explicação de por que fui arrancado de lá da primeira vez: minha conscientização estava tão totalmente no Tempo 2, que eu não dispunha de uma âncora para firmar-me em 1896. A palavra é demasiado grosseira. Digamos tecido conectivo ou conjuntivo, esse tecido sendo — inicialmente, pelo menos — o Tempo 1.

Muito bem, dessa vez *estabeleci* suficiente consciência do Tempo 1 em mim mesmo, a fim de analisar o ambiente. Porque o som crepitante que, por um momento, estava tão longe de minha compreensão como a mais avançada teoria de Einstein finalmente se tornou aparente.

Era a lareira.

Eu jazia no quarto em 1896, ouvindo o som do fogo na lareira.

Meu coração bate descompassadamente, quando digo isso.

Eu gostaria de saber, em realidade, quanto tempo tudo durou. Acredito que boa porcentagem de minha consciência permaneceu no Tempo 2, porque do contrário eu ainda estaria em 1896. Assim, minha interpretação de relógio do tempo em 1896 tinha de ser inacurada. Que me recorde, desconfio que não estive tão perto de lá.

Seja qual tenha sido o período, contudo, após um instante abri os olhos.

A princípio, não ousei mover-me. É verdade que havia coçado o nariz, mas não foi um movimento deliberado; creio que aconteceu justamente por ser algo inconsciente. Executar um movimento consciente, no entanto — um movimento volitivo —, parecia-me mais perigoso, um desafio à situação em que me encontrava.

Assim, nada fiz. Fiquei lá, inteiramente imóvel, olhando para o teto; tentei ouvir outras coisas além do crepitar das chamas, mas foi impossível. Há duas possibilidades: o crepitar do fogo abafou outros sons, ou eu não estava lá completamente para ouvir outros sons.

De fato, a sensação que tive foi a de estar numa *bolsa* de... 1896. Talvez seja este o modo de funcionamento. Evidentemente, não posso provar coisa alguma e talvez isso

nunca me seja possível. Neste momento, contudo, o que digo parece descrevê-lo, isto é, que, para viajar no tempo, começamos por nosso próprio âmagô — nossa mente, está claro — e irradiamos a sensação para o exterior, primeiro afetando o corpo, depois estabelecendo contato com o ambiente imediato. A sensação de varar uma delgada membrana pode perfeitamente ser o momento em que irradiamos a convicção interior além dos limites do corpo.

Em essência, então, caso minha teoria tenha fundamento, eu jazia na cama, em 1896, ouvindo o fogo na lareira que ardia em 1896 — mas, além desse ponto, 1971 continuava atuante.

Isso parece loucura. No entanto, por que o sinto com tal intensidade? Por que, por exemplo, não ouvi o ruído das ondas se quebrando, em 1896? Eu devia tê-lo ouvido muito mais claramente que o ouço agora porque, na época, o oceano ficava bem mais perto. Pois não o ouvi. Tampouco ouvi os sons de 1971, porque estava enrodilhado no meu casulo de 1896. Então, além desse casulo, eu nada ouvia. A mim, isso indica que minha teoria deve ter alguma validade.

Passemos adiante. Já estou me desviando do ponto mais importante.

Novamente, ignoro quanto tempo fiquei lá, olhando para o teto. Sei apenas que estava em 1896, que a cama debaixo de mim estava em 1896, assim como, talvez, todo o quarto à minha volta. O som da lareira continuava ininterrupto; vi o teto claramente e não tinha a mesma cor que tem hoje.

Por fim, usei um movimento físico. Nada de espalhafatoso, claro, mas, de novo, em sua implicação, espalhafatoso para mim. Porque foi executado por vontade própria. Foi voluntário; calculado.

Virei a cabeça no travesseiro. (Esqueci-me de mencionar o travesseiro, mas ele também estava lá, em 1896; quanto a isso, não tenho dúvidas.) Com infinita lentidão, é bom acrescentar; com trepidação ínfima. Com medo de perder o momento e ser trazido de volta a 1971. A confiança que tinha (e tenho) de ser capaz de alcançar 1896 não era evidente naquele instante. Eu sabia perfeitamente que estava lá, mas me faltava a certeza de poder controlar tal permanência.

É curioso pensar agora que, durante todo o tempo em que isso acontecia, nem uma vez me lembrei de Elise, nem do fato de que ela se encontrava no mesmo lugar que eu.

Talvez fosse porque, em realidade, Elise não estava lá nesse momento. Se minha teoria for verdadeira, ela não estava lá porque eu permanecia apenas em um fragmento de 1896, não inteiramente nessa época.

Certo, voltando ao assunto — uma vez mais. Movi a cabeça lentamente no travesseiro.

Então, vi uma pintura na parede.

Vou descrevê-la. Havia duas figuras centrais: mãe e filho, deduzi. A mulher usava um vestido cinza, com avental branco. Não parecia jovem. Tinha os cabelos puxados para trás. Estava de pé, bem perto do filho, com as mãos nos ombros dele. Uma correção: a mão direita da mulher pousava no ombro esquerdo do filho. Foi apenas minha impressão de que teria também a outra mão no ombro dele.

O rapaz era uns dez, ou mais, centímetros mais alto que ela. Usava casaco e tinha um chapéu na mão direita, significando que estava de partida, creio. Também podia estar chegando. Não, não era essa a sensação transmitida pela pintura; tinha que ser uma partida. Recordo agora uma sombrinha preta, à esquerda da mãe, apoiada em alguma coisa; não sei o que seria, posto que não vi claramente essa parte da pintura. Também havia um cão perto da sombrinha. Sentado no chão. Tamanho médio. Presumivelmente, olhando para o rapaz de partida.

Havia figuras do outro lado da pintura. Um velho ou uma velha sentados a uma mesa; esqueci-me de mencionar que a mãe e o filho encontravam-se de pé, perto dessa mesa, havendo uma cadeira atrás da mãe, cuja expressão não parecia feliz. O rapaz estava de perfil. Não parecia estar olhando para a mãe. Talvez, supostamente, estivesse contendo a emoção, mas não posso afirmar.

Eu piscava os olhos, procurando ver com mais nitidez, quando fui trazido de volta.

Dessa vez, foi ainda menos distinto e rápido. Enquanto eu piscava, a pintura e a parede foram esmaecendo, tive a sensação de que era puxado por todos os pontos do corpo, como que sugado. Eu sabia que estava sendo trazido de volta; recordo que houve tempo suficiente para lamentar o que sucedia. Assim, esse retorno não teve a rapidez de um piscar de olhos.

Em seguida, creio que dormi ou desmaiei. Ou... quem sabe? A verdade é que, quando abri os olhos, estava de volta novamente.

O que me teria trazido de volta? Por que voltei, se

me sentia arraigado no passado? Seria uma questão de repetição? Foi o que imaginei. À medida que for repetindo as instruções, incessantemente, de modo verbal, escrito e em pensamento, irei consolidando minha posição em 1896, cada vez mais, até firmá-la em definitivo. Tudo isso é um tanto louco, agora que estive lá com tamanha nitidez, mas devo sujeitar-me. O processo tem que ser respeitado. Farei tudo o que for preciso para torná-lo permanente.

Tenho que voltar imediatamente e, quanto a isso, sou positivo. Tenho a sensação de haver constrangido meu envolvimento com o presente. Sei que não posso — em *hipótese alguma* — aventurar-me para fora deste ponto e ampliar novamente aquele envolvimento.

Preciso penetrar novamente através daquela membrana, assim que for possível.

Mais tarde.

Estive lá novamente.
Durou alguns minutos.

São... minutos lá... minutos aqui?
Quando... voltei... o adágio ainda tocava.
Eu o pus para repetir? Não consigo me lembrar.

Realmente, parece... peculiar.

Irreal.

1971... parece... 1896.

Não real.
Deitado aqui... é como...

Como se estivesse em 1896.
Como se eu... devesse observar-me.

Ou perdê-lo.

Curioso.

Devo... virar a cabeça... descrever um — quadro na parede?

Para provar que estou aqui?

Tenho essa impressão.

Senso de... impermanência.
Como se... fosse realmente... um homem de 1896... tentando alcançar...

O quê?
Curiosa sensação.

Não oponha resistência.

Chegando.

Deus, eu o sinto chegando...

Preciso... parar... de falar... Fechar os olhos...

cerrar a... mente.

Dizer a meu... meu...

eu, eu, que...

Flutuando.

Pesado.

Estou pesado.